

Era uma vez uma cidade chamada Gúbio que tinha ao pé uma floresta cheia de bichos, sendo que um lobo maior de todos, aperreado pela necessidade, resolveu saciar-se comendo os animais domésticos da vila, e, à falta destes, crianças, mulheres e até mesmo gente grande que sabia lidar com armas.

Por mais que os homens andassem prevenidos, e arranjassem ciladas, ninguém havia podido matar a fera. Em pouco tempo o cerco que o lobo fazia em tórno de Gúbio era horrível. Foi quando S. Francisco resolveu acabar com aquela situação.

Um belo dia saiu à frente do povaréu, em procura do bicho. Apenas tinha deixado o último casebre sem habitantes, pois todos haviam fugido, por causa da fera, aparece o lobo, com tremenda fúria, já fazendo menção de engulir o santo. A multidão, assim que viu o perigo, foi fugindo; eis, porém, que Francisco, no momento mesmo de ser abocanhado, traça no ar, com um gesto rápido, uma cruz. Nem bem tinha baixado a mão, o lobo se joga a seus pés, como um carneirinho. Pega a lambê-lhe os rastros; e seus olhos, agora, já muito caídos, como que acariciam São Francisco.

Então, o santo falou:

- Irmão lobo, eu já sabia que ias ficar assim, tocado pelo sinal da cruz. Afinal, irmão lobo, eu compreendo por que fizeste tanto mal às criaturas de Deus. Estavas com fome, irmão lobo, e por isso matavas os homens? Em compensação - se isso se pode chamar com-

pensação - os homens te perseguiram. Vamos acabar com isso, meu velho: vais ficar manso, e os homens te darão alimento de hoje em diante. Concordas com isso, não?

O lobo abanou as orelhas, pendeu três vezes a cabeça, aceitando a proposta.

- Mas eu quero, irmão lobo, fazer a paz entre ti e eles; de modo que tu não mais ofenderás as criaturas humanas. E elas te perdoarão. Nem homens nem cães te perseguirão mais. No entanto, por te conceder esta grande graça, quero, irmão lobo, que me prometas não fazer mal a nenhum animal: prometes-me isto?

E o lobo, mais uma vez, inclinando a cabeça, moveu o negro focinho mostrando que concordava.

Francisco disse, afinal:

- Irmão lobo, quero que me dês provas desta promessa, para que eu possa confiar em ti.

O lobo fez cara de surpreendido, em seus olhos havia um brilho de sinceridade, era um bicho leal.

E, estendendo Francisco a mão para receber o juramento, o lobo levantou a pata, pousando-a sobre a mão aberta do santo. Um minuto, dois minutos, três minutos, um tempão durou aquele carinho.

Aí, o santo dirigiu-se ao povo:

- Meus irmãos: os bichos, a quem vós chamais, desprezivelmente, feras, não são piores do que os homens dominados pela ambição,

pela vingança e pelo orgulho.

Não deveis cubiçar as coisas alheias nem armazenar riquezas, porque elas são a causa das desigualdades entre os vossos semelhantes.

Um poeta antigo, pensando na falsidade e malvadez de certos homens, disse que "o homem era o lobo de outro homem".

Nesse pé, o lobo levantou de banda a cabeça, escutando melhor.

Francisco não se interrompeu:

- Mas fêz nas suas palavras grave injúria ao nosso irmão, que acaba de afirmar comigo, perante vós como testemunhas, uma aliança.

O lobo baixou a cabeça arregaçando o focinho como num sorriso.

- Pois aqui está um tratado de paz que nunca se quebrará. Eu, Deus louvado, nunca prometi para faltar. E quando pomos a confiança noutra pessoa, tornamos essa pessoa igual a nós. Confio e quero que confieis no irmão lobo.

Quando derdes a vossa palavra, cumpra-a de maneira irrepreensível, como o irmão lobo vai cumprir a sua, não mais vos ofendendo, e vós a vossa, sempre o alimentando. Assim Deus nos ajude com a sua ~~ix~~ infinita misericórdia, amen!

À medida que Francisco falava o irmão lobo ia se sumindo

de de tão desabado, de tão humilde diante do Santo. A sua vassalagem havia-lhe reduzido as proporções, o seu tamanho estava ao nível da terra, confundindo com a própria sombra sem relevos, imóvel. Apenas a sua longa e destemida língua bulia na extremidade desta sombra, lambendo os pés empoeirados de Francisco.

- Não é preciso que te rebaixes tanto, irmão lobo, disse o santo, a ponto de te sumires no chão. Vamos ver; volta a ti, a teu tamanho, à tua bela figura de bicho de Deus.

O lobo cresceu outra vez; era o maior lobo que se tinha avistado até então; botou a língua pra dentro e principiou a esfregar-se com carinho nas pernas descarnadas de ~~xxx~~ Francisco.

- Assim não, que me derrubas, disse o frade, encaminhando-se para a vila.

Anoitecia. Um rebanho de galinhas ciscavam o caminho. Mais adiante um rebanho desembocou na estrada envolvendo sem nenhum temor o Santo e a fera.

Daí por diante, o irmão lobo viveu calmamente em Gúbio. Entrava pelas casas, de porta em porta, e até com as crianças brincava; e nunca nenhum cão ladrava contra êle nem êle fazia mal a quem quer que fôsse.

Finalmente, depois de alguns anos, o irmão lobo, ~~XXXXXXXXXX~~ ~~xxx~~ estando muito velho, morreu em paz.